

VIOLÊNCIA FÍSICA NA SOCIABILIDADE FEMININA: IDENTIDADES QUE SE FORJAM NOS EXTREMOS DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DE NORMATIVIDADE E O ENSINO DE SOCIOLOGIA

SERGIVANO ANTONIO DOS SANTOS

Mestre em Ciências Sociais pela Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ. Compõe a Coordenação Coletiva da Associação Brasileira de Ensino em Ciências Sociais - AB ECS, Professor da Educação Básica na Escola Elisete Lopes. sergivanosantos.cs@gmail.com

O presente texto, oriundo de minha pesquisa de mestrado, tem como objetivos: a) analisar os enunciados sobre os casos de violência física que constem nos livros de ocorrências escolares e suas possíveis subversões a ordem do discurso patriarcal de normatividade como vontade de verdade na construção das identidades do gênero feminino; b) refletir sobre a importância da temática como geradora de debates para o Ensino da Sociologia na Educação Básica. Entendo que a violência no espaço escolar, apesar de não ser um fenômeno novo, apresenta-se como um desafio constante a ser superado num esforço conjunto pela equipe diretiva da escola, familiares, sociedade e órgãos competentes. Ao realizar um breve levantamento desses casos na literatura (CHARLOT, 2002, 2006; DEBARBIEUX, 2002; SPOSITO, 1998; et al) e no universo educacional, a partir dos registros nos livros de ocorrências, identifiquei suas repetições na sociabilidade do gênero feminino.

Para efeito de análise foi substituído o nome das escolas pelas siglas Esc1 e Esc2. Também foram modificados os nomes dos envolvidos nas ocorrências, enunciadores e estudantes. No caso dos enunciadores, responsáveis pelo discurso registrado nos livros de ocorrência, foram identificados pela posição de autoridade do discurso para-oficial seguido das siglas Esc1 ou Esc2. Para os estudantes, a letra E, em ambos, corresponde ao de estudante seguido da posição dele(a) na sequência das ocorrências, mais a letra a representar o gênero E1M e E2F. No caso das ocorrências é usada a sigla Oc. Assim, por exemplo, as siglas E1M.Oc1. Esc1 ou E2F.Oc1. Esc2 correspondem, respectivamente, ao estudante, seguido do número que corresponde à ordem de aparecimento dele no texto das ocorrências, o gênero, a ocorrência e a escola.

As práticas recorrentes, como mencionado em parágrafos anteriores, me estimularam, já na minha pesquisa de mestrado, a aprofundar o saber científico sobre a violência física na sociabilidade das estudantes. Ressalto que não é, ou não será a minha intenção a de usurpar o lugar de fala do gênero feminino, mas na condição de professor, analisar, numa perspectiva foucaultiana, o discurso desses estudantes na voz dos autores a redigir o texto nos livros de ocorrências escolares. Quando falamos em lugar de fala, tomo como referência o conceito desenvolvido por Djamila Ribeiro (2017), sobre o qual a autora diz não ser representatividade, e quando assim o fazem, criam uma visão essencialista.

O lugar de fala pressupõe *locus* social. Sendo assim, na condição de professor, conforme já mencionado anteriormente e desse lugar de

fala, analisar os discursos das alunas¹ que praticaram atos de violência física, para, a partir daí, falar sobre possíveis subversões na ordem do discurso como vontade de verdade (FOUCAULT, 1996) e de outras possíveis identidades (subjetividades) que se forjam no entremeio das práticas discursivas de normatividade. O que nesse caso, corresponde a uma “[...] a identidade individual, aquela que constitui a subjetividade e a ação” (VIEIRA, 2005, p. 214). Assim as identidades vão sendo constituídas não mais à sujeição masculina, não importando se aquele discurso estava ancorado em fundamentos religiosos, científicos, acadêmicos ou senso comum. Assim dito por Foucault (1979) que cada sociedade “[...] tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros [...]” (p. 12).

Os saberes, conforme demonstrado por Foucault, de que em todas as épocas existem saberes que se posicionam como verdadeiro, tidos como qualificados, também encontram o seu opositor no discurso e nas práticas conforme segue: “As alunas E1F [...] e E2F [...] se envolveram em uma luta corporal após acusação de envio de uma foto e filmagem da outra como forma de denúncia, fuxico” (ESC1, 2016, OC2). A centralidade dada às práticas de violência demonstram na subversão, outras identidades a se forjarem nos entremeios das práticas discursivas de normatividade comportamental entre os gêneros masculino. Com isso poder refletir, como mencionado no segundo objetivo, sobre a importância da temática como geradora de debates para o Ensino de Sociologia. Nesse sentido, nos orienta a OCEM através dos conteúdos acerca da Sociologia para, a partir de um tema, mobilizar conceitos e teorias dessa área do saber (BRASIL, 2006), a fim de instrumentalizar os estudantes com as ferramentas desse campo do saber para desnaturalizar e estranhar a realidade posta.

A sociabilidade, inclusive as violentas, são indicadores de subversão da ordem discursiva, conforme o enunciado: “Hoje, as estudantes E1F e E2F [...] se agrediram física e verbalmente na escola. E1F disse que E2F a chamou de “rapariga”, depois que ela a xingou de ‘nojenta’” (ESC1, 2016, OC4), diferem daqueles que fazem parte das normas discursivas

1 O termo “aluna” está condicionado à categoria de “estudante” que, neste trabalho, corresponde ao de sujeito do discurso autor das práticas de violência física que constam nos registros dos livros de ocorrências escolares.

patriarcais de passividade, sujeição identitária, de identidade periférica e condicionada discursivamente a identidade masculina².

Os enunciados manifestam as causalidades a motivarem o uso da força e ao mesmo tempo a legitimá-la. Ou seja, há sempre uma voz que justifica o apelo à força física conforme os exemplos a seguir: “As alunas E1F e E2F [...] agrediram-se durante a aula [...] por motivos de desafeto [...]” (ESC1, 2017, OC13). A vontade de verdade a constituir as identidades do gênero feminino encontra a sua resistência nas práticas de violência e no discurso a evidenciar desafeto, rixa, sentimento não condizente com o ser mulher.

A partir desses exemplos, reafirmo a ideia de que a violência é um fenômeno complexo e não deve ser pensado como uma ação puramente irracional ou racional, ou precedida de reflexão, mas como objeto de reflexão, que neste estudo, revela fios enunciativos de subversão da ordem do discurso que constituíram as subjetividades femininas.

Nesse empreendimento, portanto, o foco foi dado às expressões escritas sobre os casos de violência física como ponto de partida para analisar as identidades que se forjam nos entremeios das práticas discursivas de normatividade o gênero masculino e feminino, mas muito pode ainda ser feito com um novo processo de pesquisa a escutar os discentes, de modo a trazer mais dados ao que foi aqui analisado acerca das ações de violência entre as estudantes. Essa possibilidade de investigação também pode ser tema para os professores de Sociologia em suas aulas no ensino médio.

Palavras-Chave: Violência. Discurso. Identidade.

REFERÊNCIAS

CHARLOT B. **A violência na escola:** como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*. 2002(8): 432-43. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.pdf>. acesso em: 27/06/2017.

2 Com isso não se pretende justificar os casos de violência física, ou criminalizar as suas autoras, mas a partir deles refletir sobre as possíveis identidades e buscar pistas de enfrentamento a essas práticas, além de estimular o debates sociológicos a partir desse tema gerado no espaço escolar.

DEBARBIEUX, Eric. **Violência nas escolas**: divergências sobre palavras e um desafio político. In: *Violência nas escolas e políticas públicas / organizado por Eric Debarbieux e Catherine Ilaya*. Brasília : UNESCO, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** / Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edição Graal, 1979.

_____, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no College d'France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. *Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio, 1996*.

MELO, Patricia Bandeira de. **Sujeito sem voz**: Agenda e Discurso sobre o Índio na Mídia em Pernambuco. Dissertação / UFPE – Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Recife, Agosto de 2003.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**/ Djamila Ribeiro. - Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SPOSITO, M. **A Instituição escolar e a violência**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.104, p. 58-75, 1998. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/717/733> Acesso em: 20/06/2017.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. DELTA [online]. 2005, vol.21, n.spe, pp.207-238. ISSN 1678-460X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>.